

**A PERSPECTIVA PURITANA SOBRE A
DOCTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS**

Maicon Ap. BARACHO*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo contribuir com o saber teológico por meio da perspectiva escatológica puritana. Destacamos algumas das personalidades que contribuíram com seu desenvolvimento, levando em consideração os conflitos de ordem civil, eclesiástica e histórica enfrentados por eles, principalmente no período de sua migração da Inglaterra para o Novo Mundo. Diante disso, o presente texto tem como finalidade apresentar um estudo de ordem sistemática sobre o tema, de modo que o leitor possa se beneficiar ao compreender a forma que os puritanos enxergavam o assunto da escatologia.

PALAVRAS CHAVE: Puritanos; Puritanismo; Escatologia Otimista; Últimas Coisas.

* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); Bacharel em Teologia pela UNIFIL; Pastor Sênior da Igreja Palavra da Vida em Curitiba, PR; email: maiconbaracho@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os puritanos, pelo que se sabe, foram considerados e apresentados como gigantes sobre os quais precisamos subir nos ombros para melhor obter clareza e profundidade no tocante aos assuntos espirituais (PACKER, 2016, p.27). Em meio a conflitos e dissabores enfrentados por eles no Novo Mundo, mantiveram-se firmes tendo como base a visão de mundo e o ardente anseio de estabelecer sua perspectiva otimista que consistia em tornar a Nova Inglaterra em uma Cidade situada sobre um Monte, mesmo quando as situações e circunstâncias improváveis se mostravam como algo não favorável.

Ao averiguar o puritanismo e sua hermenêutica, que resultou na sua visão escatológica, percebe-se que ela fora grandemente influenciada pelos acontecimentos tumultuosos vividos entre os séculos XVI e XVII, algo que os levara a acreditar ser o período apontado pela Escritura como o tempo do fim. Essa visão que conforme veremos ao desenvolver desse artigo, fora a responsável por contribuir diretamente com excentricíssimo nos atos de alguns puritanos como o exemplo relatado do pregador e evangelista puritano John Eliot,

motivado por zelo e desejo de ver estabelecida a vitória contra os desvios políticos, eclesiais e teológicos do seu tempo, e acima de tudo o estabelecimento do reino de Deus (BEEKE, 2016, p. 1106).

Propõe-se, portanto por intermédio da presente, uma análise sobre o movimento Puritano e sua perspectiva escatológica como fora entendida por eles. Conhecer juntamente quais foram as contribuições que sua visão trouxe àqueles que em seu tempo estavam desejosos, ansiando não somente por reformar a Igreja da Inglaterra, mas participar ativamente dos acontecimentos que cooperavam para consumação de todo propósito divino em seu tempo.

1. A CIDADE SITUADA SOBRE UM MONTE: O OTIMISMO ESCATOLÓGICO PURITANO

Ao procurar melhor conhecer o posicionamento teológico defendido pelos puritanos acerca da doutrina dos últimos dias, pesquisadores identificam nela uma escatologia otimista, conforme apresentada por Joel. R. Beeke em sua mais

recente obra intitulada Teologia Puritana: doutrina para vida (BEEKE, 2016). De acordo com sua apresentação, foi o mesmo otimismo que os mantiveram resolutos e confiantes em meio a grandes conflitos vividos em sua época por acreditarem que tratavam do fim dos tempos (BEEKE, 2016, p.1089).

O Dr. Beeke (2016, p.1089) observa que esse otimismo escatológico pode ser testemunhado de forma mais precisa principalmente no período quando eles, em busca de refúgio por causas das perseguições, migraram da Inglaterra para o Novo Mundo. Beeke (2016, p.1089) continua explicando que mui esperançosos, os puritanos mantinham a crença que a reforma não era uma mera questão apenas de ordem eclesiástica. Entretanto, segundo os relatos do pesquisador, para eles a reforma era algo de maior abrangência e transcendia o campo religioso, estendendo-se à esfera civil, vindo a contribuir com o estabelecimento de uma sociedade puramente cristã (BEEKE, 2016, p.1089).

Então, com base nas informações obtidas através de pesquisadores como Joel Beeke e J. I. Packer, autoridades no assunto, que o puritanismo não tinha uma visão fragmentada e

dualística, levando-os a separar as questões do seu dia a dia como sendo algumas sagradas e outras seculares. Conforme Beeke (2016, p.1089), os puritanos carregavam consigo o ideal de que a ordem eclesiástica, o bem-estar do indivíduo e todo o bem-estar político, econômico e sociocultural das nações deveriam estar todos integrados para glória de Deus.

Conclui-se que fora a partir desse otimismo escatológico que os puritanos migraram da Velha para Nova Inglaterra, alimentando em sua devoção fervorosa a expectativa de estabelecer nesse novo lar, um lugar onde pudessem viver o cumprimento de sua cosmovisão escatológica dominante em seus corações. Cosmovisão definida por eles e tida como alvo e ideal a ser alcançado de tornar esse novo lar uma “cidade situada sobre um monte” em contraposição com aquilo que não fora possível ser totalmente implementado na Velha Inglaterra (BEEKE, 2016).

2. DESAFIOS DA ESCATOLOGIA PURITANA

Para obter uma melhor e mais apropriada compreensão sobre o modo escatológico puritano, é preciso saber que existem

alguns desafios, os quais se deve levar em consideração (BEEKE, 2016, p.1090). Uma primeira questão levantada por Beeke (2016, p.1090) aborda a análise da pesquisa histórica e o reexame sério do estudo desta tradição apocalíptica classificada por seus pesquisadores como algo muito recente.

Uma segunda observação mostra que já naqueles dias, haviam certas interpretações, categorizadas como amilenarismo, pré-milenarismo e pós-milenarismo (Beeke, 2016, p.1090). Acerca disso Crawford Gribben (apud BEEKE, 2016, p.1090) certifica-se, então que a teologia puritana conseguiu desafiar e transcender os conceitos escatológicos dos séculos XX e XXI.

Em terceiro lugar, necessita-se também levar em consideração os desafios da escatologia puritana desenvolvida no século XVII, a qual devido a grandes agitações em diversos sentidos, fora vista como um tempo de explosão escatológica (BEEKE, 2016, p.1090).

Anteriormente, haviam acontecido mudanças no pensamento milenarista de Agostinho, sendo mais tarde modificado por calvinistas e luteranos (Beeke, 2016, p.1090).

Também os puritanos continuaram a trilhar pelo mesmo caminho, mesmo não sendo eles unânimes, ao divergirem quanto ao tempo para o cumprimento exato desta visão escatológica (BEEKE, 2016, p.1090).

3. HERMENÊUTICA HISTORICISTA PURITANA

Algo de extrema necessidade para a compreensão acerca do pensamento puritano sobre sua escatologia é o conhecimento da chamada hermenêutica historicista (BEEKE, 2016, p.1091). Em conformidade com a apresentação de Beeke (2016, p.1091), a hermenêutica historicista puritana era desvinculada de todas as especulações vazias, para que não incorressem no erro da inconsistência contra o princípio *sola Scriptura*, estabelecido pela Reforma.

Diante das turbulências políticas e eclesiásticas enfrentadas pelo puritanismo, muitos criam estar vivenciando uma era excepcional, marcada pela chegada do tempo final (BEEKE, 2016, p.1091). Foi a partir desse contexto que os puritanos interpretaram os sinais dos tempos e as profecias não cumpridas do Antigo Testamento, em particular as preditas

pelo profeta Daniel e contidas no livro de Apocalipse, todas de acordo com o seu contexto histórico (BEEKE, 2016, p.1091). Para os puritanos, tratando-se de temas e fatores abordados pela escatologia, as Escrituras se referiam especificamente ao tempo em que viviam (BEEKE, 2016, p.1091).

É interessante lembrar e levar em consideração que os puritanos eram cessacionistas em sua grande maioria, acreditando na cessação da revelação especial após a conclusão do Novo Testamento (BEEKE, 2016, p.1092). Mas, não viam como um empecilho a ideia de profecia mediada, caso fosse utilizada por Deus no sentido de apontar para acontecimentos futuros como cumprimento da profecia bíblica (BEEKE, 2016, p.1092). Os puritanos ensinavam que a Escritura fora dada à Igreja para o ensino e instrução conforme Romanos 15.4, e que ao discerni-la, pode-se então entender a providência de Deus, pois a Palavra de Deus [...] é nossa norma, capaz de tratar de todas as questões específicas das igrejas (BEEKE, 2016, p.1092).

Thomas Manton (apud BEEKE, 2016, p.1092) afirmou:

“Mas agora, na era do evangelho, ele não decepciona seu povo completamente. Pois, embora

seu povo não possa ter conhecimento infalível de contingências futuras, ainda assim Deus produz um forte impulso na mente de seus filhos, coloca esse impulso em seus corações para que evitem isso e aquilo: não somos infalíveis na interpretação do acontecimento, mas podemos discernir boa parte da providência de Deus”.

4. AUTORES MILENARISTAS INFLUENTES

Em relação à influência apocalíptica nos escritos puritanos de sua época, Beeke (2016, p.1094) declara que o caos sociopolítico enfrentado por eles fora um dos fatos que os levaram a compor uma grande enxurrada de textos e sermões de natureza milenarista. Ao apresentar alguns de seus autores, em destaque, Thomas Brightman, um pregador e comentarista puritano que contribuiu para a primeira revisão inglesa do conceito reformado e agostiniano do milênio (BEEKE, 2016, p.1095).

Brightman, conforme aponta Beeke (2016, p.1095), defendia a ideia de que as cartas de Apocalipse 2 e 3, faziam menção a sete períodos da história da Igreja, partindo dos

tempos apostólicos, tendo seu término nos últimos dias. O livro do Apocalipse seguia de modo cronológico a história da Igreja, tendo como ponto mais alto os capítulos 20 a 22, na convicção otimista da glória dos últimos dias, quando o mundo se encherá do conhecimento do Senhor (BEEKE, 2016, p. 1095).

Brightman interpretava a primeira ressurreição de Apocalipse 20 como algo figurativo, aceitando-a apenas como uma restauração, pela Reforma da pregação bíblica e da teologia sadia (BEEKE, 2016, p. 1095). Para ele o milênio era a época de 1300 a 2300, período durante o qual a Reforma esmagaria os inimigos da igreja, em particular o papado, e a conversão dos judeus animaria o mundo (BEEKE, 2016, p. 1095).

Outro autor milenarista apresentado por Beeke (2016, p. 1095), foi o estudioso da língua hebraica, conhecido por suas obras sobre escatologia bíblica, Joseph Mede. Mede frequentemente escrevia como puritano, mas por questões relacionadas a ceia e o governo da Igreja, tendia para Igreja da Inglaterra (Beeke 2016, p.1095). Ele parece ainda em parte ter seguido os passos de Brightman, como o otimismo escatológico

tendo como enfoque o milênio como uma época de vitória da Igreja contra Satanás, mas vindo a discordar de Brightman quanto ao período exato do ocorrido (BEEKE, 2016, p.1095). Mede afirmava que no período do milênio, a Igreja desfrutaria de um tempo de paz e segurança sem a perseguição e o sofrimento de tempos anteriores (BEEKE, 2016, p. 1095). E, ainda de acordo com Beeke (2016, p.1095), Mede adotou algumas tendências do chamado pré-milenarismo, vindo a ser considerado o possível pai dessa posição.

Os escritos apocalípticos posteriores a Brightman e Mede, receberam grande influência em seu pensamento milenarista (BEEKE, 2016, p. 1095). Entre esses autores estão: William Perkins (1558-1602), William Twisse (1546-1646), Thomas Goodwin (1600-1680), William Gouge (1575-1653), Franciscus Junior (1545-1602), James Ussher (1581-1656), e Johannes Piscator (1546-1646) todos escreveram sobre milenarismo (BEEKE, 2016, p. 1096).

Beeke (2016, p.1095) faz uma apresentação dos temas predominantes discutidos entre autores, dos quais em destaque

via-se o papado como o Anticristo e a ruína da Igreja Católica fundamentando-se no livro de Daniel e Apocalipse.

A conversão do povo judeu também foi tratada em quatro pontos de vistas, sendo que, a primeira posição predominou por volta do século 17 como crença de que a conversão dos judeus aconteceria perto do fim do mundo (BEEKE, 2016, p. 1096). A segunda posição, citada por Beeke (2016, p.1096), como minoritária, acreditava que a conversão futura de Israel resultaria em um tempo de glória para a Igreja e prosperidade espiritual, mas não aceitava a ideia de um milênio inaugurado pela aparição de Cristo e uma ressurreição dos santos. Beeke (2016, p.1096) também faz citação de uma terceira posição com menos defensores e de curta duração, que acreditavam numa conversão geral das nações, seguida de uma aparição pré-milenarista de Cristo. Essa conversão geral das nações resultaria também na conversão de Israel e no estabelecimento do reino de Cristo por pelo menos mil anos antes do dia do juízo (BEEKE, 2016, p. 1096). E, a quarta posição, sobre a conversão do povo israelita, que era mantida por um número ainda menor entre os demais puritanos, era a que

rejeitava e negava qualquer tipo de era de ouro (BEEKE, 2016, p. 1096).

Os escritores puritanos também exploraram um terceiro tema, a glória da Igreja e Nova Jerusalém nos últimos dias, além da crença na conversão do povo judeu (BEEKE, 2016, p.1097). Autores como John Owen, James Durham, Brightman e Gouge foram os que relacionaram a conversão e restauração do povo judeu ao período glorioso para o mundo nos últimos dias (BEEKE, 2016, p.1097). Sobre os milenaristas como a exemplo de Mede, Twisse, Goodwin e Holmes, Beeke (2016, p.1097) diz que todos defendiam a posição que os judeus retornariam a Cristo como seu Messias, e a terra prometida a Abraão como o acontecimento introdutório ao milênio, ou um dos primeiros acontecimentos desse evento.

5. A MISSÃO PURITANA NA NOVA INGLATERRA

Em conformidade com as citações de Beeke (2016, p.1097), a transição de uma escatologia agostiniana para uma ideia otimista, mantida pelos puritanos, deu lugar à grande esperança ao se depararem com a possibilidade de triunfo no

Novo Mundo. Os primeiros puritanos que migraram para a nova Inglaterra, passaram a considerá-la como a terra prometida, uma terra cujas qualidades, homens eruditos poderiam colocar lado a lado com a Canaã dos israelitas (BEEKE, 2016, p.1097).

Muitas foram as citações que apareceram na literatura puritana da época, expressando convicções otimistas quanto a Nova Inglaterra entre eles (BEEKE, 2016, p.1098). Sustentavam o pensamento de que a migração para o Novo Mundo era uma espécie de marcha em direção a Nova Jerusalém (BEEKE, 2016, p.1098). Pensavam eles, ser escolhidos por Deus para ali se estabelecer, prosperar como povo a fim de contrabalancear o império do Anticristo criado pela Espanha em outras regiões das Américas (BEEKE, 2016, p.1098).

Nessa perspectiva escatológica, nota-se que os puritanos não se viam como meros especuladores do tema, mas se enxergavam como participantes dos acontecimentos que os conduzia à plena consumação da mesma (BEEKE, 2016, p.1098). Pois como presenciamos através da apresentação feita por Beeker 2016, ap.1098) os puritanos acreditavam que o Novo

Mundo proporcionaria a eles não apenas a liberdade religiosa individual impossibilitada na Inglaterra, mas acima de tudo, também tinha a oportunidade de cumprirem os seus deveres sacerdotais perante o plano escatológico como povo de Deus (BEEKE, 2016, p.1098). E após cumprida a missão, que consistia em tornar o novo lar uma cidade sobre os montes, o restante do mundo como a velha Inglaterra se renderia em arrependimento tendo como exemplo a Nova Inglaterra (BEEKE, 2016, p.1099-1100).

Infelizmente, a Nova Inglaterra não correspondeu à visão e o otimismo escatológico puritano em seus dias, pelo fato visto em que a esperada cidade situada sobre um monte se restringiu apenas ao nome (BEEKE, 2016). Perdendo seu papel profético em função de conduzir a Inglaterra ao arrependimento, a considerada Canaã viera a viver como no tempo dos Juízes se entregando a prostituição pagã, abandonando a reforma (BEEKE, 2016). Porém, isso não fez com que o otimismo escatológico fosse abandonado por parte dos seus pregadores, que de forma mais ávida chamavam o povo ao arrependimento a fim de que a Nova Inglaterra se

renovasse em busca do cumprimento do seu propósito (BEEKE, 2016, p.1100).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao procurar considerar o resultado da posição escatológica puritana, conclui-se, juntamente com Bekee, que essa visão não era de fácil compreensão e, que por esse motivo foram encontrados muitos obstáculos. Um dos seus grandes motivos, como fora já anteriormente abordado por Beeke, é o fato de que estavam esses estudos, em sua época de origem, totalmente desmembrados da categoria escatológica vista no século XXI.

Este posicionamento escatológico foi o principal responsável pelo zelo visto no labutar puritano em prol da grande comissão através das missões mundiais (BEEKE, 2016, p.1109). Como vimos nos relatos de Beeke, anteriormente, os puritanos acreditavam que a evangelização dos povos judeus e gentios estavam também ligados aos acontecimentos do fim do mundo.

Uma outra área que sofreu impacto devido ao otimismo puritano fora a esfera social, onde o benefício compôs o que Beeke (2016, p.1109) denomina de uma animação das pessoas em procurar evitar os pecados da Inglaterra. A fundação de uma nova sociedade cristã possibilitaria não apenas uma Reforma, mas o estabelecimento de todo um propósito divino visto na formação do Novo Mundo onde o Estado e a Igreja deveriam trabalhar juntos por um período, provendo assim a realidade de uma cidade situada sobre um monte, uma cidade que fosse luz para as nações (BEEKE, 2016, p.1109).

Enfim, ao observar o pensamento puritano, é possível que o maior impacto causado por sua escatologia tenha sido a promoção da esperança. Esperança que brotou e resistiu mesmo em meio ao poder ameaçador da guerra e das perseguições em território inglês, dos perigos sofridos e dos danos pessoais em territórios estrangeiros quando buscavam fundar uma igreja totalmente reformada. Esperança que mesmo diante da falta de êxito, não fez com que se entregassem à indiferença e a apatia, porém sempre mantiveram diante de si uma firme convicção gloriosa sobre a existência de dias

melhores, marcados pelo triunfo final do santo evangelho de Cristo.

REFERÊNCIAS

BEEKE, Joel. **Teologia Puritana: Doutrina para Vida**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

BÍBLIA SAGRADA com reflexão de Lutero. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

PACKER, J.I. **Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã**. São Jose dos Campos, SP: Fiel, 2016.

RYKEN, Leland. **Santos no mundo: os puritanos como realmente eram**: 2 edição –São José dos Campos, SP: Editora Fiel 2013.